

PRAZERES E SENSACIONES DO ATO ERÓTICO NO POEMA *O CHÃO É CAMA*, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ronaldo Gomes dos Santos (UNEAL)¹

Joelma Correia da Silva(UNEAL)²

Amanda ramalho de Freitas Brito (UNEAL/UFPB)³

Resumo: Para pensar o erotismo na literatura brasileira, é necessário entender o texto erótico como metáfora da sexualidade esboçada no gozo da palavra. Segundo Durigan (1985) no texto erótico o leitor apreende um conhecimento sobre o prazer, o que demonstra o texto como uma representação de formas de prazeres e sensações. Partindo dessas discussões, nosso intuito é analisar a construção do erotismo como representação do amor e dos desejos na forma poética de *O chão é cama*, de Carlos Drummond de Andrade. Toda essa erotização do poema remete imediatamente a uma desinibição do eu-lírico diante das delícias que atraem o corpo para o ato erótico, uma forma de incorporar como ato de vida as sensações sexuais.

Palavras-chave: Erotismo; Poesia; Drummond.

Introdução

Essa pesquisa analisa a construção erótica no poema “Chão é Cama”, publicado na obra *O Amor Natural*, de Carlos Drummond de Andrade. A descrição apresentada no poema nos leva ao universo das sensações e prazeres do eu-lírico diante da oportunidade de alcançar o gozo desejado. Essa coletânea de poemas publicados após a morte do autor revela uma eroticidade maior, podendo desinibir o jogo de sedução diante do momento oportuno para chegar ao clímax. Porém não se pode deixar de questionar a ligação com as questões éticas, uma vez que foi o pedido do próprio poeta.

Sabe-se que o erotismo surgiu no século VI a. C. a partir da figura de Eros, considerado o deus da paixão, para os gregos este era a figura do amor. A definição de erotismo toma a paixão amorosa, não pelo lado romântico, cujo amor é visto como dominante e gentil, mas sim com características sexuais, pois o desejo de satisfazer o prazer carnal é o foco principal, visando o prazer consumado.

A dualidade entre arte e erotismo é uma marca discursiva presente na sociedade cuja ideologia traça caminhos conservadores, questionando se é literatura ou pornografia. Vendo o erotismo como um membro que prejudica a relação do homem com o meio, pois usa expressões carregadas de ousadias, provocando desejos, beirando a obscenidade, tendo uma carga negativa por se expor aos prazeres da carne. A busca

¹Mestrando em Letras (UNEAL). Contato: ronaldogomer123@gmail.com.

²Mestranda em Letras (UNEAL). Contato:joelmaportugues1@gmail.com.

³Doutora em Letras (UNEAL/UFPB). Contato:amandaramalhobrito@gmail.com.

pela sensualidade da linguagem ao desbravar o corpo a procura de uma satisfação pelo gozo da vida. Assim, a obra se distancia da pornografia e vulgaridade, pois o amor e a sensualidade estão associados, um completando o outro.

Sabe-se que o erotismo está relacionado com a atração física, tentando satisfazer os prazeres carnis, contrários ao conceito de sexo para servir como procriação da espécie. Esses desejos de satisfação não visam especificamente o amor humano e sim a necessidade de chegar ao extremo do prazer.

Ao longo do tempo na história da humanidade se criou regras para tentar estabelecer ordem e afastar a sexualidade do cotidiano, visando o bem comum. Sendo o incesto, casamento, entre outros, tidos proibidos para o fortalecimento da moral geral. Essas regras acabaram despertando a curiosidade pelo proibido.

A literatura erótica faz uso de termos vulgares, buscando a representação da satisfação do prazer, cujas ideias principais estão voltadas para a construção de um ato significativo do amor, e não dos interditos postos pela sociedade conservadora, que pretende apenas seguir as regras pré-estabelecidas por um grupo que dita as normas a serem seguidas e não questionadas. A linguagem presente nos textos eróticos objetiva organizar a estrutura cultural a fim de estabelecer relação representativa diante das características culturais e sexuais. Assim, Durigan (1986, p.07) nos diz que “O texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada.” Nesse sentido, observamos a construção dos traços estilísticos do erotismo no tecido metafórico de Carlos Drummond de Andrade, o que remete ainda para a discussão do estilo da linguagem evidenciada na distinção entre pornográfico e erótico na literatura.

Pressupostos teóricos: erotismo

Pensar o amor como o corpo tocado na troca erótica, incide sobre a presença em si do gozo evocado pelo toque do outro no corpo, assemelhando-se a um pensamento suscitado, ao contrário do que se poderia imaginar, pois solicita que a presença do corpo concentre-se toda no aqui e agora do contato com outro corpo, na intensidade das sensações que o fazem não querer senão fechar-se sobre si mesmo, a não ser mais do que apenas isso, a não estar além do aqui. Nada mais que presente. Por isso, Foucault

(1966, p.04) ressalta que o sexo legitima a presença do corpo, uma vez que “se gosta tanto de fazer o amor é porque, no amor, o corpo está aqui”.

Ao tentar definir o erotismo, buscamos na mitologia grega o significado de Eros como o Deus do amor que “aproxima, mescla, une, multiplica e varia as espécies vivas” (BRANCO, 2004a, p. 8). Os caminhos de Eros, portanto, estariam mais ligados à exposição do desejo nas malhas do texto. A sutileza, o não-pragmatismo, as ambiguidades seriam peculiaridades do discurso erótico, de tal forma que se passou a aceitar como características absolutas, desses textos, as ideias de implícito, de não dito, de entrelinha, de sussurro (DURIGAN, 1985, p. 11). “Não há amor sem erotismo como não há erotismo sem sexualidade” (PAZ, 1994c, p. 97), de forma que o amor natural de Drummond se caracteriza como erotismo numa concepção de Paz. Isso porque erotismo não é mera sexualidade animal, é cerimônia, representação, necessita ao mesmo tempo de corpos e da imaginação dos seus protagonistas para se efetuar enquanto tal.

Paz (1994c) distingue a sexualidade, o erotismo e o amor enquanto manifestações da vida. Drummond reúne tais aspectos na forma de um livro que busca a representação do prazer pela linguagem, confundindo as divisões comuns ao homem ocidental, como alma e corpo, amor e sexo e até vida e morte. No entanto, o erótico enquanto signo do sexo significativo tem sofrido um processo de interdição por causa do mito do amor sagrado, ideia discutida por Prado (2007) a seguir:

Assim, a palavra de sexo segue a trajetória do silêncio na sociedade ocidental, não é autorizada, porque o natural passa a ser diminuído em seu valor perante o artifício, ou seja, perante aquela feitura do homem que lhe diferencia dos demais seres: o amor do corpo é considerado inferior ao amor da alma, porque o primeiro tem origem num ato natural; e o segundo, origina-se da ideia, genuinamente humana e racional” (PRADO, 2007, p.48).

Para sociedade, e principalmente para a igreja, o erotismo se encontra no território do proibido, do impuro, abarcando tudo aquilo que fosse além do objetivo do sexo perante os mandamentos da igreja, sugerindo que toda prática que visasse ao prazer, do erótico, era condenável. Contudo, a literatura religa no sacramento da palavra o amor e o sexo, representando nos poros poéticos o erotismo enquanto parte constituinte do sujeito. Perspectiva refletida na poética de Drummond. Nesse sentido, *O amor natural* (1992) é um livro póstumo, de Carlos Drummond de Andrade, que merece

nossa atenção tanto pelo trabalho linguístico presente em seus poemas quanto pela concepção de amor que os rege. O livro é constituído por quarenta poemas que procuram representar o prazer via linguagem poética, ou seja, a linguagem do implícito, de forma a correlacionar o sexo ao sentimento amoroso e ao deus do qual se origina. O eixo semântico encontrado em *O amor natural* se relaciona à descrição ou exaltação do ato sexual enquanto fusão de opostos e abarca o maior número de poemas, perante a divisão proposta.

O poema que apresentamos enquanto proposta de análise é “O chão é cama para o amor urgente”, que de modo geral, constrói um caminho sobre o amor como natureza que nos mostra tanto os momentos de incitação do desejo quanto os instantes de alívio e cansaço do ato consumado o que envolve a sexualidade e sentimento como algo uno.

O chão é cama para o amor urgente

*O chão é cama para o amor urgente,
amor que não espera ir para a cama.
Sobre tapete ou duro piso, a gente
compõe de corpo e corpo a húmida trama.*

E para repousar do amor, vamos à cama.

– Carlos Drummond de Andrade, in 'O Amor Natural'.

O erotismo é prazer, é “implícito”. Por isso é notório que o eu-lírico aproveita o momento do encontro como algo único e necessário, um ato em busca do prazer. Assim como o espaço que é configurado no poema, que pode significar o tempo que o casal levou para se levantar do chão e ir à cama, caracterizando que o desejo principal do autor era relatar o ato erótico.

Percebemos no poema um desejo urgente, desesperado, que visa não à reprodução sexual, mas sim, a manifestação única da carne, o corpo a corpo, como manifestação erótica da consumação e chegada ao clímax: “Compõe de corpo e corpo a úmida trama”. Já se questionou o instinto do homem ao se comportar como um animal na tentativa de satisfazer os prazeres carnal. Entretanto, o homem difere do animal, pois

visa às atividades sexuais menos como meio de reprodução sexual do que como representação semântica de um ato de vida, um ato erótico.

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e os homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente ao fim natural encontrado na reprodução e na procriação das crianças. (BATAILLE, 1987, p. 10).

Em “Chão é uma cama para o amor urgente” o erotismo precipita-se na representação do gozo, com efeito, os momentos do sexo são identificados, e o ritmo poético, bem como o léxico se altera, dependendo da fase da qual se fala, de modo que as descrições tendem a iniciar com o toque, destacando o vocabulário ligado às genitálias feminina e masculina; depois, passam para o clímax do ato sexual, com léxico ligado aos campos semânticos dos quatro elementos, sozinhos ou misturados à maneira de extremos alcançados pelo ato amoroso; e finalmente, tem-se sugestões de um corpo acrescido do sentido sexual. Esse modo de amar coincide pela ligação entre amor e sexo, pela busca do prazer e, ainda, por uma linguagem que poetiza o ato sexual, mas que não o camufla, utilizando-se de uma “linguagem proibida” do sexo (PRETI, 1984, p.61).

No poema percebemos a construção do amor pela elaboração verbal da manifestação sexual, como a pressa e os detalhes que elaboram e rodeiam o percurso que guia o eu-lírico a chegar ao gozo e ao deleite do ato sexual. Já sobre o repouso, o cansaço e a ideia de retorno: a custo nossos corpos, içados do gelatinoso jazigo, se restituíram à consciência. O sexo reintegrou-se. A vida repontou: a vida menor. (ANDRADE, 1994, p. 29).

Nesse grupo, ainda se faz reiterada a alusão aos contrastes experimentados pelo casal durante o amor.

É perceptível a descrição da fusão do amor, e a reflexão estética sobre o ato sexual e o corpo, configurando uma relação de sentimentos e confidencialidade, como uma forma de encontro e desejo mútuo estabelecido na relação erótica representada no poema. Eles passam a ser encarados como “objeto desejado”, tendo o encontro/satisfação no ato consumado, tendo o sexo enquanto manifestação do amor.

Por isso o sexo aparece como forma de atingir a plenitude da existência, seja pela realização sexual genital (“O que se passa na cama”), ou pelo próprio sentimento

erótico. A concepção de amor que percorre o livro como um todo é uma ideia de amor enquanto manifestação sexual capaz de fundir dicotomias. Dessa forma, tal concepção vai de encontro à função do erotismo, mantendo as subjetividades dos atores.

O anseio do poeta é justificado pelo lugar que a palavra sexo (não) alcança no discurso institucionalizado, de modo que ou é esquecida, ou cai no terreno da repetição que banaliza, numa perspectiva que vê o sexo descontextualizado da palavra de amor. Como afirma Castello Branco (2004a, p.43), não se pode falar da história do erotismo sem considerar a história de sua repressão.

Considerações finais

A literatura erótica permite a manifestação da exposição do prazer através dos textos poéticos. Carlos Drummond de Andrade assegurado por essa liberdade construiu uma sequência de poemas eróticos carregados de desejos e vontades para alcançar seus objetivos, ou melhor, a satisfação promovida pelo prazer alcançado no ato sexual. No entanto, essa manifestação literária instaura uma voz que se coloca no mundo politicamente, ao atribuir ao sexo um ato de reconhecimento semântico, desfazendo o silenciamento do corpo, no contexto de uma sociedade conservadora, que dita regras de interdição, centradas em um bem comum institucionalizado, para exercer, assim, um dispositivo de controle sobre o corpo, justificando o sexo estritamente para procriação e não como fonte de prazer e significado.

Dessa forma, nossa análise centrou-se na discussão do erotismo, por considerar o poema “O chão é cama para o amor urgente”, que traz a representação do sexo na configuração implícita da palavra poética, diferentemente do pornográfico, precipitado pela palavra obscena, normalmente exposto na literatura como uma atitude irônica e carnavalesca, originária do abalroamento plástico do sentido exposto.

O poema analisado nos releva um eu-lírico sedento, em busca da consumação, não se importando com as circunstâncias, lugar e espaço para tal. A preocupação era estabelecer o contato físico, o corpo a corpo para intensificação das sensações diante do ato erótico, visto que, o erotismo não se limita apenas no prazer alcançado, mas ultrapassa essa barreira, pois precipita-se na beleza animadora do encontro como signo da intensidade psicológica, para assim chegar ao ritual que antecede a busca pelo clímax. Essa cerimônia com troca de olhares e carícias despertam a imaginação de como

aconteceram os fatos, não é preciso haver relação com o amor para se chegar a esse ponto, a atração e o desejo pelo que representa e/ou apresenta contribuem para o desenrolar do momento. Porém não existe amor sem erotismo, devemos estar atentos a essa especificidade.

Uma das características a ser discutidas no poema é a linguagem que correlaciona o sexo do ponto de vista do sentimento amoroso e o deus da mitologia grega, Eros, que estabeleceu origemem. Essa linguagem também estabelece relação entre a exaltação do ato erótico e a fusão dos opostos previstos na normalidade do sexo, seguindo a sequência prevista, que o sexo deve acontecer na cama.

O ato sexual segue seu ritual característico e concluído com o cansaço físico, assim os corpos buscam recuperar o fôlego desfrutando de momentos de descanso. O erotismo é tido como a oportunidade única, sendo assim, o eu-lírico não perde tempo na procura pelo ambiente agradável e aconchegante, a visão principal se resume nos acontecimentos, pois serão eles que promoverão o sonho do prazer consumado. Dessa forma, observamos no poema a urgência desesperadora para o encontro sinestésico com o corpo do outro, sem levar em consideração a reprodução sexual, mas sim a chegada ao clímax.

Assim, reconhecemos que através da linguagem poética os elementos que compõem o ato erótico são postos de maneira suave diante do desejo desenfreado apresentado pelo eu-lírico na busca pela realização do gozo e do prazer sexual. A cumplicidade e a confidencialidade sugerida, revela a descrição do amor diante da reflexão estética direcionada ao corpo a corpo, ajustando a relação sentimental do casal, tendo como ponto inicial o encontro e finalizando com a excelência do gozo. A dualidade entre amor e sexo é distinguida pelas concepções que regem a literatura erótica que não discute o sexo na relação humana, como um elemento meramente reprodutor de espécies. Mas, como uma fonte de satisfação e realização do eu (individual) e do outro enquanto companheiro na troca de carinho e estímulo ao desejo carnal.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- BATAILLE, George. **O Erotismo**. 2 ed. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BARBOSA, Rita de Cássia. **Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Ática, 1987.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: VOZES, 2009.
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- PAZ, Octávio. **La flamme double: amour et érotisme**. Paris: Gallimard, 1994b.
- _____. **A dupla chama: amor e erotismo**, São Paulo: Siciliano, 1994c.
- PRADO, Priscila F. do. **Amor é prosa, sexo é poesia: faces de um discurso amoroso**. Revista Fragmentum, n°. 13. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007, pp. 45- 52.
- _____. **A representação de eros em O amor natural**. Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2009.
- PRETI, Dino. **A linguagem proibida**. São Paulo: T. A. Quieroz, 1984.